

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Luciana Milani

Memória e Virtualização: um estudo sobre os conceitos de memória
em ambientes virtuais na Ciência da Informação brasileira

Porto Alegre
2019

Luciana Milani

Memória e Virtualização: um estudo sobre os conceitos de memória
em ambientes virtuais na Ciência da Informação brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para obtenção
de título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi
Coorientador: Me. Luis Fernando Herbert
Massoni

Porto Alegre
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Vice Diretora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz

Chefe Substituta: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Junior

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Junior

CIP - Catalogação na Publicação

Milani, Luciana

Memória e Virtualização: um estudo sobre os
conceitos de memória em ambientes virtuais na Ciência
da Informação brasileira / Luciana Milani. -- 2019.
54 f.

Orientador: Valdir José Morigi.

Coorientador: Luis Fernando Herbert Massoni.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Ciência da Informação. 2. Virtualização da
Memória. 3. Memória digital. 4. Memória virtual. 5.
Patrimônio digital. I. Morigi, Valdir José, orient.
II. Massoni, Luis Fernando Herbert, coorient. III.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana

Porto Alegre/RS – CEP 90035-007

Telefone: 51 3308 5067

e-mail: fabico@ufrgs.br

Luciana Milani

Memória e Virtualização: um estudo sobre os conceitos de memória em ambientes virtuais na Ciência da Informação brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em 05 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdir José Morigi (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Me. Luis Fernando Herbert Massoni (Coorientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt (Avaliadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ma. Priscila Chagas Oliveira (Avaliadora)
Universidade Federal de Pelotas

AGRADECIMENTOS

A vida é movimento e a todo instante nos brinda com possibilidades, caminhos, escolhas. Este percurso teve início em 21 de outubro de 2012 quando decidi me inscrever para o Vestibular, uma decisão que trouxe imensuráveis aprendizados, experiências, vivências, transformações. Agradeço a algo maior que me inspirou para esta jornada e à UFRGS pela maravilhosa e gratificante oportunidade de ser parte desta comunidade.

Agradeço aos mestres que compartilharam seus conhecimentos e deixaram lembranças que se reproduzem em fragmentos do cotidiano: Eliane Moro, Maria do Rocio, Rodrigo Caxias, Ivete Tazima, Maria Lúcia Dias, Clary Sapiro, Rita Laipelt, Rene Faustino Jr., Martha Bonotto, Glória Ferreira, Luciana Nunes, Rafael Port da Rocha, Jackson Medeiros, Ana Maria Dalla Zen, Priscila Chagas Oliveira, Sonia Caregnato, Valdir Morigi, Álvaro Gomes Neto. E, meu imenso carinho às mestres que foram além das salas de aula: Helen Rozados, Ketlen Stueber e Marcia Tavares.

Agradeço à equipe da Biblioteca Clóvis Vergara Marques do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, principalmente aos bibliotecários Suzinara da Rosa Feijó e Filipe Xerxeneski da Silveira, pela dedicação e paciência nas atividades desenvolvidas no Estágio Curricular e por proporcionarem momentos incríveis de trocas e aprendizados.

Agradeço ao orientador Valdir José Morigi pela confiança, parceria e pela valiosa oportunidade como Bolsista de Iniciação Científica, que transformou meu olhar sobre a memória e o patrimônio; ao coorientador Luis Fernando Herbert Massoni que surgiu em um momento significativo da caminhada acadêmica, por sua amizade, tempo e dedicação, espírito colaborativo e aprendizados, e pelo compartilhamento de sonhos; à Rita do Carmo Ferreira Laipelt e Priscila Chagas Oliveira, meu muito obrigada por terem aceito o convite para integrar a banca examinadora. É um orgulho tê-los comigo na reta final.

A todos os colegas da Turma 2013/2 e subsequentes pela convivência em momentos de alegrias, tristezas, ansiedades, medos, superações, e não poderia deixar de mencionar minha gratidão aos colegas que iluminaram as minhas manhãs e partilham do meu cotidiano: Andreza Lemke de Souza, Luciana Prestes Vicente, Camila Timm e Samuel Santos da Rosa.

Agradeço à minha amada grande família por ter compreendido a minha ausência e por saber o quanto esta experiência é sobre superação e vida.

Agradeço a todos os amigos e pessoas que, diretamente ou indiretamente, tornaram o percurso possível e mais leve. Entre elas, Geise Ribeiro da Silva, pelos esclarecimentos que auxiliaram na definição das etapas metodológicas; Gisela Sousa, June Câmara dos Santos, Maria Beatriz Silva e Cíntia Maria Schindler, pelo incentivo, força e apoio recebido nos mais diversos momentos. E, um agradecimento especial à Kika, a gata ‘vaquinha’ que me ensina o amor, a paciência e o companheirismo, e à Michelle Parra de Souza, que me inspira e ajudou a transformar as dificuldades em sorrisos.

E, finalmente, o meu reconhecimento e agradecimento à valorosa comunidade científica nacional e internacional por sua incessante busca e aprimoramento, principalmente no campo das tecnologias, com instrumentos, ferramentas e programas que oportunizam a melhora da qualidade de vida e o acesso universal ao conhecimento.

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender como é estudada a temática da virtualização da memória na Ciência da Informação brasileira, considerando os novos recursos de comunicação e de informação que transformaram as formas de acesso dos registros das informações e as práticas informacionais e memorialísticas. Originado de reflexões acerca da utilização de termos e conceitos distintos atribuídos à memória em ambientes virtuais e digitais, observa que a memória vem sendo reconfigurada por novas práticas socioculturais que a sociedade desenvolve em seus processos comunicativos, em um fluxo informacional incessante que desterritorializa e ressignifica a memória. Fundamenta-se em conceitos basilares que envolvem virtualização da memória na Ciência da Informação: virtualidade, digitalidade, ambientes virtuais, memória em rede, ciberespaço, etc. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo e bibliográfico na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação. Identifica e mapeia os autores e os termos, expressões e definições utilizados por eles ao se referirem à memória em ambientes virtuais e digitais. Analisa a relação entre os termos e os conceitos, de modo a evidenciar como os autores da área se apropriam desses conceitos em seus distintos contextos de estudo. Conclui que, dentre os termos utilizados, destacam-se memória digital, patrimônio digital e memória virtual, e que, mesmo apresentando incongruências conceituais, as discussões pairam em torno dos desafios atuais de se preservar as memórias digitais e virtuais, frente às problemáticas oriundas da preservação digital.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Virtualização da Memória. Memória digital. Memória virtual. Patrimônio digital.

ABSTRACT

This work aims to understand how the theme of memory virtualization in the Brazilian Information Science is studied, considering the new communication and information resources that transformed the access ways of the information records and the informational and memorialistic practices. Based on reflections on the use of different terms and concepts attributed to memory in virtual and digital environments, it observes that memory has been reconfigured by new sociocultural practices that society develops in its communicative processes, in an incessant information flow that deterritorializes and resignify the memory. It is based on basic concepts that involve virtualization of memory in the Information Science: virtuality, digitality, virtual environments, network memory, cyberspace, etc. Methodologically, this is a qualitative and bibliographic study in the Reference Database of Periodicals Articles in Information Science. It identifies and maps the authors and the terms, expressions and definitions used by them when referring to memory in virtual and digital environments. It analyzes the relationship between terms and concepts, in order to show how the authors of the area appropriate these concepts in their different contexts of study. It concludes that, among the terms used, digital memory, digital heritage and virtual memory stand out, and that, even presenting conceptual incongruities, the discussions revolve around the current challenges of preserving digital and virtual memories, in the face of problems arising from the preservation digital issues.

Keywords: Information Science. Memory Virtualization. Digital memory. Virtual memory. Digital heritage.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BIC	Bolsa de Iniciação Científica
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNAMA	Universidade da Amazônia
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MEMÓRIA E VIRTUALIZAÇÃO: TERMOS E CONCEITOS BASILARES	13
3 METODOLOGIA	20
4 MEMÓRIA E VIRTUALIZAÇÃO: TERMOS E CONCEITOS EMERGENTES	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE A – <i>CORPUS</i> TEXTUAL SOBRE MEMÓRIA E VIRTUALIZAÇÃO	51

1 INTRODUÇÃO

A importância do estudo da memória no mundo contemporâneo deve-se às mudanças em relação às formas de armazenamento e nos suportes de informação, cada vez mais mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Da oralidade à escrita, da escrita à informática, novos recursos de comunicação e de informação transformaram as formas de acesso dos registros das informações e as práticas de fazer ciência. As memórias precisam estar alicerçadas em alguma superfície, física ou não, e “guardadas” pelo desejo de não esquecimento, de perpetuação das lembranças, em um esforço de confinamento do tempo, que insiste em passar, alheio às nossas vontades.

Seja a partir de uma abordagem filosófica (virtual) ou cibernética (digital), é necessário repensar as formas contemporâneas de lidar com a memória, advindas das TICs. Isso porque a memória vem sendo reconfigurada por novas práticas socioculturais que a sociedade desenvolve em seus processos comunicativos, em um fluxo informacional incessante que desterritorializa e ressignifica a memória. Tendo em vista esses aspectos, o tema desta pesquisa é a virtualização da memória no campo da Ciência da Informação brasileira.

A partir de algumas premissas básicas, percebe-se que já existe a preocupação de autores da Ciência da Informação na conceituação utilizada nos estudos que envolvem memória em ambientes virtuais (ciberespaço). São abordagens que dão origem a uma série de contribuições em que não se propõe a adoção de um termo em detrimento de outro e nem a definição de um termo único para o campo, apenas a sugestão de repensar as novas relações da memória, advindas com o desenvolvimento das TICs e o crescimento de arquivos na *web*.

Com base nas questões acima apresentadas, esta pesquisa objetiva compreender como é estudada a virtualização da memória na Ciência da Informação brasileira. Como objetivos específicos, a investigação pretende: mapear os autores que pesquisam virtualização da memória na Ciência da Informação brasileira; identificar os termos e os conceitos relacionados à virtualização da memória pelos autores; analisar as relações entre os termos e os conceitos nos contextos textuais em que são empregados.

O surgimento de novos termos, como “memória virtual”, “memória digital”, “patrimônio digital” e “memória em rede” nas concepções epistemológicas e teóricas

relacionadas à temática da virtualização da memória provoca uma série de reflexões acerca da utilização de termos e conceitos distintos atribuídos à memória em ambientes virtuais. Observa-se que, no campo da Ciência da Informação, notadamente nos estudos sobre informação, memória e patrimônio, há autores que discorrem sobre alguns desses conceitos.

Entretanto, nem sempre a utilização de um mesmo termo está atrelada à mesma concepção por parte dos autores, pois um mesmo termo, às vezes, se refere a conceitos diferentes e vice-versa, dependendo da perspectiva adotada por cada autor. A própria diferenciação entre “virtual” e “digital” é tema de discussões entre autores. Assim sendo, a partir da sistematização de alguns termos e definições e da análise dos seus usos em diferentes contextos de pesquisa, pode-se evidenciar de que modo os autores da área estão se apropriando e desenvolvendo os estudos sobre memória em ambientes virtuais.

A escolha deste tema por parte da autora foi influenciada pela sua participação em projetos de estudo sobre memória, entre eles memória virtual, como bolsista de Iniciação Científica do programa BIC/UFRGS proporcionado pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Durante os encontros do grupo de pesquisa, percebeu-se haver uma lacuna na sistematização dos termos e definições sobre memória em ambientes virtuais e, a partir desse pressuposto, surgiu a ideia de um estudo complementar para a área.

Para a fundamentação teórica da pesquisa, delineamos os conceitos relacionados à memória e sua virtualização na Ciência da Informação, sendo esta delimitação imposta por ser a memória objeto de estudo de várias áreas do conhecimento. Conceitos basilares que envolvem virtualização da memória, virtualidade, digitalidade, ambientes virtuais, memória em rede, ciberespaço, etc., com vistas a propiciar o entendimento e aprofundamento dos processos atuais de armazenamento de memórias, para a posterior análise da produção científica a ser recuperada e a compreensão dos resultados.

Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo e bibliográfico que, utilizando-se da Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), mapeia os autores e os conceitos relacionados à memória e sua virtualização na literatura científica do campo da Ciência da Informação brasileira. Para a formação do *corpus* de análise, buscou termos relacionados à memória em ambientes virtuais, previamente selecionados e estruturados no referencial teórico

existente, com recorte temporal estabelecido de 2000-2018. A leitura técnica do texto completo possibilitou o mapeamento dos autores que versam sobre essa temática e a análise dos termos e definições utilizados pelos autores.

Desta forma, o estudo proposto nesta pesquisa visa preencher uma lacuna no processo de construção conceitual do campo de memória e destarte contribuir para os avanços epistemológicos nas pesquisas acerca do tema na Ciência da Informação. Este trabalho está dividido em cinco seções. A próxima seção traz um apanhado conceitual relacionado à memória abrangendo a temática proposta. Em seguida, a seção três descreve a metodologia aplicada com o detalhamento de todas as etapas. A quarta seção apresenta os resultados obtidos através da leitura técnica dos textos e a análise dos dados. A última seção realiza uma retrospectiva acerca da temática debatida, com considerações finais sobre o trabalho.

2 MEMÓRIA E VIRTUALIZAÇÃO: TERMOS E CONCEITOS BASILARES

A memória é um fenômeno estudado por diversas áreas do saber, configurando-se como um tema interdisciplinar. Psicologia, Sociologia, Antropologia, Medicina e Ciência da Informação são alguns dos campos que se debruçam sobre o estudo da memória em seus mais variados contextos, tanto individuais como sociais. A transdisciplinaridade é uma das proposições do campo de pesquisa em memória social (GONDAR, 2016), que possui uma importância ética e política perante a história de nossa sociedade. Quando se pensa em memória, talvez o primeiro conceito correlato a emergir em nossas reflexões seja a lembrança – a memória é entendida por muitos como um conjunto de lembranças. Entretanto, memória é um fenômeno igualmente marcado pelo esquecimento, às vezes compreendido como um processo de não-memória, apagamento, inexistência de lembranças, o que é tido como péssimo, especialmente em uma sociedade que deseja preservar tudo.

A possibilidade de desaparecimento de uma memória desperta a ideia de “[...] que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos” (NORA, 1993, p. 13), arquivos de lugares de memória onde se ancoram as referências, os vestígios, as reminiscências de memórias. Lugares como bibliotecas, museus, monumentos, edificações, espaços urbanos, documentos e objetos que validam os saberes, as crenças, os costumes, as tradições, as experiências, as histórias dos sujeitos. Para o autor, a memória é a vida, é o movimento, são as experiências interpretadas em processos de lembrança e de esquecimento, que independem das sucessivas alterações permeadas pelas vivências.

Localizar e reconstruir lembranças são atos contínuos que ocorrem através dos contextos sociais (linguagem, espaço, tempo, família, religião, classes sociais, tradições), cunhados e denominados por Halbwachs (1952) de quadros sociais, quando, então, a memória dita individual emerge na dimensão coletiva. Para o autor, a memória coletiva se constrói nas relações com os grupos sociais, nas interações com os outros sujeitos. Dessa forma, pondera que:

[...] se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, nem por isto deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. A memória coletiva por outro lado,

envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. (HALBWACHS, 1990, p. 53).

A memória coletiva carrega o sentido de partilha, de pertencimento, de uma intenção de memória, em que as lembranças não coexistem isoladamente e vão “[...] além das fronteiras que as preservam” (GONDAR, 2016, p. 34). Lembranças comuns que, segundo Halbwachs (1990), são evocadas continuamente e transpostas em percepções diferenciadas em cada indivíduo em um grupo ou sociedade. Infere que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (1990, p. 51), sendo esse ponto de vista identificado conforme as relações e os contextos em que o indivíduo está inserido. Nesse sentido, apresenta a memória como “um fenômeno do presente e não do passado” – como uma reconstrução das lembranças do passado no momento atual. Comungando com Halbwachs, Nora (1993, p. 9) também postula como um “fenômeno atual”, que se multiplica no presente. Na perspectiva de Gondar (2008):

Pensar a memória como relação abre a possibilidade de que a partir de uma nova situação ou um novo encontro [...] o passado possa ser tanto recordado quanto reinventado. Desse modo, a história de um sujeito, individual ou coletiva, pode ser a história dos diferentes sentidos que emergem em suas relações. (GONDAR, 2008, n.p.).

Essa articulação dinamizada pelas relações e as lembranças pessoais modela a apropriação da memória, que Casalegno (2006) coloca como interações individuais baseadas em seus “quadros de compreensão” (CASALEGNO, 2006, p. 29). Outra aproximação é a de Candau (2012), que relaciona memória com identidade. A memória atua na construção da identidade do sujeito e do coletivo e o autor afirma que o sujeito precisa das lembranças para se reconhecer.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma memória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2012, p. 16).

Sendo assim, os processos memorialísticos não poderiam ficar indiferentes às nossas transformações socioculturais. Com a proliferação dos suportes computacionais, surgem os ambientes virtuais, espaços intangíveis visualizados em uma tela e representados por registros de textos, imagens, sons, movimentos. O

sujeito, a informação e a coletividade se inserem na virtualidade, desterritorializando as memórias, “[...] uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário [...] a virtualização lhes fez tomar a tangente” (LÉVY, 2003, p. 21). Se a memória está sendo virtualizada, “[...] a sua virtualização é dada, não só pelas mídias e tecnologia informacional, como incursão da forma humana de tornar presente o ausente, em formas estáticas de representá-la” (ROXO, 2011, p. 14), mas também pelo modo como o sujeito interpreta as suas experiências e lembranças. Através do virtual, a memória é exteriorizada, configurando novas formas de registro memorial.

A evolução nas formas de registro, a partir da escrita, é evidenciada por Nora (1993) como “[...] menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas” (NORA, 1993, p. 14). Concernente à esta visão, Lévy (2003) refere-se às TICs como prolongamento da memória, potencializada pelas possibilidades comunicacionais. A contemporaneidade é marcada pela transformação dos suportes em que se inscreve a memória. Essas novas modalidades engendram a facilidade do acesso à informação e a conseqüente preocupação com a preservação do presente e do passado, hoje de interesse dos indivíduos e não apenas das instituições oficiais, como uma tentativa de evitar o desaparecimento da memória e mantê-la no virtual, numa concepção de atualidade.

Diante de uma sociedade produtora, disseminadora e usuária de conteúdos armazenados em ambientes virtuais, em uma velocidade e efemeridade inerentes à sua natureza, os registros não são considerados apenas como representações, dada a característica de permanente possibilidade de construção e reconstrução das memórias. As informações e os objetos “[...] se criam, circulam, são assimilados e se recriam tal qual o clássico modelo do círculo da informação [...] com a diferença de que a percepção (humana) não acompanha o trajeto de seus movimentos em todas as intensidades” (DODEBEI, 2008, n.p.). Desatrelado ao tempo e ao espaço, o mundo virtual/digital gera novas possibilidades de construção e circulação do conhecimento.

A memória nos ambientes virtuais tem sido objeto de estudo diante desse “[...] impacto do virtual e do digital na construção do conhecimento e a comunicação da informação” (MANGAN, 2010, p. 171), provocado pelas modificações ocorridas no acesso e armazenamento das informações. Outro aspecto observado refere-se à alteração no espaço-tempo no contexto eletrônico, que, através de processos virtuais,

pode originar a memória virtual. Esta memória virtual “[...] supõe a existência de suporte digital, ou seja, uma memória digital. Por outro lado, é possível haver registros digitais que seriam uma forma de memória digital, que não configurem uma memória virtual por não estar compartilhada em rede” (MANGAN, 2010, p. 171). Dessa forma, a memória digital é determinada pelo suporte computacional, associada a questões técnicas e às tecnologias de informação, enquanto que uma memória virtual é determinada pela conexão e dispersão da *internet*, transcendendo o espaço físico, associada também às tecnologias de comunicação.

A memória virtual precisa da memória digital para existir, mas um registro digital somente tem significado com memória coletiva e/ou social ao se tornar virtual. Os novos espaços de memória (virtual) passam a ser repositórios de memória digital cuja informação é socializada através da *internet*. Embora sejam espaços virtuais, seu conteúdo é real, assim como os sujeitos responsáveis por construir e comunicar as memórias. (MANGAN, 2010, p. 176).

Para a autora, as tecnologias computacionais suscitam mudanças intrínsecas no acesso e no armazenamento das informações, estabelecendo novos formatos nas relações dos indivíduos com o saber e com a memória. Através do mundo *online*, que também denomina ciberespaço, surgem novos espaços de memória, onde se constroem e são compartilhadas memórias individuais e coletivas, originadas tanto no ciberespaço como no mundo físico.

Os ambientes virtuais são formados de espaços virtuais que contêm memórias individuais e coletivas, memórias estas representadas por textos, imagens, sons e qualquer outro recurso e/ou objeto informacional, com equivalente ou não no mundo físico. As informações armazenadas nesses espaços não possuem uma linearidade, por estarem sujeitas à reestruturação e não haver uma organização cronológica. Segundo Dodebei (2008), novas nomenclaturas surgem ou são reinventadas nestes ambientes, entre eles a do documento:

Ao ingressar no ciberespaço o documento se transforma em recurso informacional e passa a fazer parte do estoque informacional que constitui a memória virtual da web. Assim é que sua nomenclatura muda; de documento para recurso, no caso do acesso, e de documento para objeto informacional, no caso de sua representação digital. (DODEBEI, 2006, n.p.).

Com base no conceito de memória nas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, pensa-se em memória como “[...] conjunto de informações registradas

[..] memória no sentido de armazenagem e preservação dos saberes (conservação), para a posterior recordação por parte da sociedade” (MONTEIRO; CARELLI, PICKLER, 2006, p, 115). As autoras abordam as aproximações e os distanciamentos inerentes à linguagem da memória nos ambientes virtuais, e inferem sobre a capacidade de armazenamento e preservação dos registros a partir do uso da palavra escrita. Da oralidade à escrita, observa-se “como consequência dessa mudança a reformatação da informação em seus contextos de produção, de armazenamento e de recepção” (DODEBEI, 2006, n.p.), o que gera um novo olhar sobre estes processos nos ambientes virtuais. Ainda de acordo com Dodebei (2008):

Digitalizar compreende o processo de representar um objeto concreto ou analógico em bits. A imagem digitalizada se transforma em conjuntos de pixels que podem ser compreendidos visualmente pelo olho humano e também por programas de computação. A diferença entre digital e virtual está diretamente vinculada ao processo, no caso do atributo digital, e no meio ou ambiente, no caso do virtual. Podem existir, desta forma, objetos digitalizados que habitam tanto o mundo concreto como o mundo virtual. (DODEBEI, 2008, p. 3).

Desse modo, o termo memória virtual parece associado ao processo de digitalização, sendo fruto e resultado desse processo. Para Monteiro, Carelli e Pickler (2006), a memória virtual que habita o ciberespaço possui algumas aproximações com a memória das sociedades orais: uso do discurso narrativo, uso de imagens e possibilidades de esquecimento. Entretanto, as autoras afirmam que ela se consolida como uma nova forma de memória, não mais externalizada e preservada em materialidades – um saber em estoque, mas sim como uma memória dinâmica, em favor de um saber em fluxo.

Nesse enfoque, as autoras entendem a memória biológica associada à imaginação para introjetar saberes e a memória virtual no ciberespaço à imaginação para a função criativa dos saberes. A memória é representada por linguagem que confere natureza virtual com as TICs, e propicia novas formas simbólicas, o que faz do ciberespaço um ambiente de armazenamento e também de novos processos de produção com a desterritorialização dos significados. Segundo Roxo (2011), é a linguagem que estabelece o encontro do indivíduo com as suas experiências, com as suas memórias. Os processos de produção se reproduzem por representações formadas de significados e de referências simbólicas.

Diante de novas linguagens, Oliveira (2010) ressalta a importância das criações de caminhos de associações para o acesso às representações nos ambientes virtuais, sendo estas fundamentais para a recuperação da informação. No mesmo contexto, Lazzarini, Netto e Souza (2015, p. 24) compreendem o ciberespaço como um lugar de destaque pelas possibilidades de acesso, pois, diante do aparato informacional em meio virtual, gera a necessidade de novos meios de registro e preservação da memória. Em outro viés, Monteiro, Carelli e Pickler (2006) não associam as representações no ciberespaço tanto ao sentido de conservação, como ocorre no mundo físico, e, sim, às múltiplas possibilidades de produção e contínua transformação. Na visão de Lévy (2009), o ciberespaço se apresenta como um espaço de comunicação interativa e comunitária, onde ocorrem ilimitados fluxos de informação, considerando “o virtual uma fonte indefinida de atualizações” (2009, p. 48) sem estar fixo ao espaço e tempo, em seus atributos de desterritorialidade e universalidade.

Para Casalegno (2006, p. 32), que versa em uma visão ecológica, as narrativas têm um papel fundamental na formação da memória coletiva e independem do espaço e do tempo, onde “[...] partilhar uma memória é em um sentido, ter partilhado as experiências vividas em conjunto”. Nesses ambientes, a memória é um processo em permanente construção, através da reconstituição de significados, de novas possibilidades de representação do conhecimento e dos saberes.

Desta forma, os ambientes virtuais possibilitam visibilidade e compartilhamentos de bens materiais e imateriais, atribuindo um caráter social à informação – além da socialização, há também o caráter de virtualidade:

[...] quando observamos a organização dos bens patrimoniais digitalizados ou criados digitais e que circulam na memória virtual do mundo. Temos aí delineadas algumas complexidades para a construção do sentido e do significado de patrimônio virtual e de patrimônio digital. A primeira delas diz respeito à compreensão de uma extensão conceitual ao que tradicionalmente se nomeia como patrimônio. Os adjetivos virtual e digital, por exemplo, modificam o conceito de patrimônio, especificando-o com propriedades criadas no âmbito da filosofia (Virtual) ou no âmbito da Cibernética (Digital). O conceito de patrimônio sofre também outras transformações produzidas pelas novas dimensões de tempo e de espaço do mundo organizado por redes interligadas de computadores, notadamente em relação aos atributos de acumulação, permanência e integridade. (DODEBEI, 2008, p. 1).

Assim sendo, valida-se o pressuposto de que o ambiente virtual possibilita a transformação do bem patrimonial em objeto informacional. A velocidade e a

efemeridade, características do ciberespaço, transformam as memórias em recursos e/ou objetos informacionais representados pela virtualidade imagética, com a informação sendo constantemente construída e reconstruída, o que permite pensar “[...] que as memórias informacionais geridas e gerenciadas em ambiente virtual não são mais bancos de dados, nem bases de dados mas, centros de conhecimento” e que “[...] o coletivo parece ser atributo principal que faz da web um grande centro virtual da memória do mundo” (DODEBEI, 2008, n.p.).

Casalegno (2006) traça a memória em rede “[...] em uma ótica em que o ciberespaço se superpõe ao espaço, o real e o virtual não repelem nem se opõem, mas dão lugar a uma topografia de lugares ampliada, a fim de coexistir e criar uma nova forma de topologia urbana [...] ambientes transformados em uma verdadeira interface da memória” (2006, p. 23), que armazenam um volume crescente de informações digitais. Para o autor, o sistema da memória em rede “[...] se inscreve nessa lógica, tentando promover a partilha da memória cotidiana e informal, além de buscar tornar acessível não apenas a memória histórica, formal [...], mas também a memória vivida e interpretada pelos seres humanos” (2006, p. 20). Esta aproximação confere o caráter de memória comunitária, proporcionando um ambiente de partilhas, em que “[...] a tecnologia não apenas comute, mas permita o aparecimento de laços e conexões” (2006, p. 31), que se distanciam do indivíduo e passam a ser representações coletivas, em um constante movimento de reconstrução e de compartilhamentos no ciberespaço.

3 METODOLOGIA

Este trabalho se propôs a compreender como é estudado o processo de virtualização da memória, sob a perspectiva dos autores da Ciência da Informação brasileira, tendo em vista os diversos termos e conceitos relacionados à temática. Preliminarmente, para a verificação de viabilidade de desenvolvimento deste estudo, foi realizada pesquisa bibliográfica nas seguintes fontes: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), BRAPCI e em Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). A escolha destas fontes deu-se ao fato de serem plataformas de armazenamento e ampla disseminação de pesquisas realizadas no campo da Ciência da Informação. Visto que a BDTD e o ENANCIB apresentaram poucos resultados úteis na recuperação de produção científica, a metodologia delineadora deste estudo teve como base válida as informações oriundas de pesquisa exploratória nos textos recuperados na BRAPCI.

De acordo com os objetivos expostos, esta pesquisa se caracteriza como básica, por não prever uma aplicação prática em um primeiro momento, sendo que, quanto à sua abordagem, adotou-se a qualitativa, por ser adequada à captação e à análise da bibliografia encontrada. A abordagem qualitativa não visa à quantificação e, sim, “[...] o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31), possibilitando assim um estudo sistematizado dos processos e significados que circulam na escrita sobre esta temática.

O estudo bibliográfico foi desenvolvido a partir dos textos indexados na BRAPCI. Segundo Gil (2010):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 2010, p. 43).

Assim sendo, a pesquisa bibliográfica possibilita o levantamento de informações necessárias para embasar a pesquisa através de materiais já publicados em livros, periódicos científicos e em outros suportes, tanto impressos como eletrônicos.

Tendo em vista os resultados da pesquisa bibliográfica preliminar, explicitados acima, definiu-se que o universo da pesquisa seria constituído pelos textos disponibilizados na BRAPCI. Trata-se de uma base de dados referencial que em março de 2019, período de realização da pesquisa, continha textos publicados em 78 periódicos científicos e profissionais impressos e eletrônicos, no campo da Ciência da Informação e, mais especificamente, nas áreas da Biblioteconomia e da Arquivologia. O acervo contempla artigos publicados desde 1972.

Tratou-se de uma pesquisa exploratória nos textos indexados na BRAPCI e empiricamente estruturada na análise e organização dos dados coletados. Para Gil (2010, p. 41), a pesquisa exploratória “[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e [...] a grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico”. Assim sendo, a coleta está representada pelos registros recuperados por palavras-chave no mecanismo de busca nas páginas *web* da fonte acima referida.

Através da pesquisa bibliográfica, pretendeu-se levantar os trabalhos publicados por autores no campo da Ciência da Informação brasileira, com a recuperação por palavras-chave no mecanismo de busca da BRAPCI. Para a busca, elegeram-se as seguintes palavras-chave: “virtualização da memória”, “virtualização AND memória”, “memória virtual”, “memória AND virtual”, “memória digital”, “memória AND digital”, “patrimônio digital”, “patrimônio AND digital”, “patrimônio virtual”, “patrimônio AND virtual”, “memória em rede”, “cibermemória” e “memória AND ciberespaço”. Além do operador booleano *AND*, também foi aplicado o uso de aspas em algumas palavras-chave, como tentativa de refinar a busca de registros com conteúdo relacionado à memória em ambientes virtuais.

A seleção dos termos de busca foi estruturada e fundamentada no referencial teórico consultado, além do conhecimento dos orientadores acerca do tema tratado. Como recorte temporal, a pesquisa bibliográfica foi delimitada inicialmente do ano 2000 a 2018, pois se percebeu empiricamente a intensificação bibliográfica sobre a temática neste período. A coleta ocorreu entre os dias 1º e 10 de março de 2019, sendo os registros organizados e sistematizados no Quadro 1, a seguir, de acordo com a busca bibliográfica na BRAPCI.

Quadro 1 - Relatório de busca bibliográfica na BRAPCI em março de 2019.

Campo de busca	Palavras empregadas na busca	Delimitadores	Número de registros recuperados	Número de registros úteis
Todos os campos	Virtualização da memória	2000-2018	1	1
Todos os campos	Virtualização AND memória	2000-2018	1	0 (registro igual ao recuperado com a palavra-chave: virtualização da memória)
Todos os campos	Virtualização da memória	2000-2018 Uso de aspas	0	0
Todos os campos	Memória virtual	2000-2018	44	44
Todos os campos	Memória AND virtual	2000-2018	44	0 (registros iguais aos recuperados com a palavra-chave: memória virtual)
Todos os campos	Memória virtual	2000-2018 Uso de aspas	9	0 (registros recuperados com a palavra-chave: memória virtual)
Todos os campos	Memória digital	2000-2018	132	132
Todos os campos	Memória AND digital	2000-2018	132	0 (registros iguais aos recuperados com a palavra-chave: memória digital)

Todos os campos	Memória digital	2000-2018 Uso de aspas	11	0 (registros recuperados com a palavra-chave: memória digital)
Todos os campos	Patrimônio virtual	2000-2018	22	22
Todos os campos	Patrimônio AND virtual	2000-2018	22	0 (registros Iguais aos recuperados com a palavra-chave: patrimônio virtual)
Todos os campos	Patrimônio virtual	2000-2018 Uso de aspas	1	0 (registros recuperados com a palavra-chave: patrimônio virtual)
Todos os campos	Patrimônio digital	2000-2018	76	76
Todos os campos	Patrimônio AND digital	2000-2018	76	0 (registros Iguais aos recuperados com a palavra-chave: patrimônio digital)
Todos os campos	Patrimônio digital	2000-2018 Uso de aspas	22	0 (registros recuperados com a palavra-chave: patrimônio digital)
Todos os campos	Memória em rede	2000-2018	38	38

Todos os campos	Memória em rede	2000-2018 Uso de aspas	1	0 (registro recuperado na palavra-chave: memória em rede sem o uso de aspas)
Todos os campos	Cibermemória	2000-2018	0	0
Todos os campos	Memória AND ciberespaço	2000-2018	11	11

Fonte: dados da pesquisa.

Durante a coleta, percebeu-se que o uso do operador booleano *AND* e de aspas não influenciou na recuperação, não ocorrendo registro diferente do que já havia sido recuperado na busca mais simples, isto é, apenas com a palavra-chave e sem adição de operadores. Analisando as informações do Quadro 1, temos:

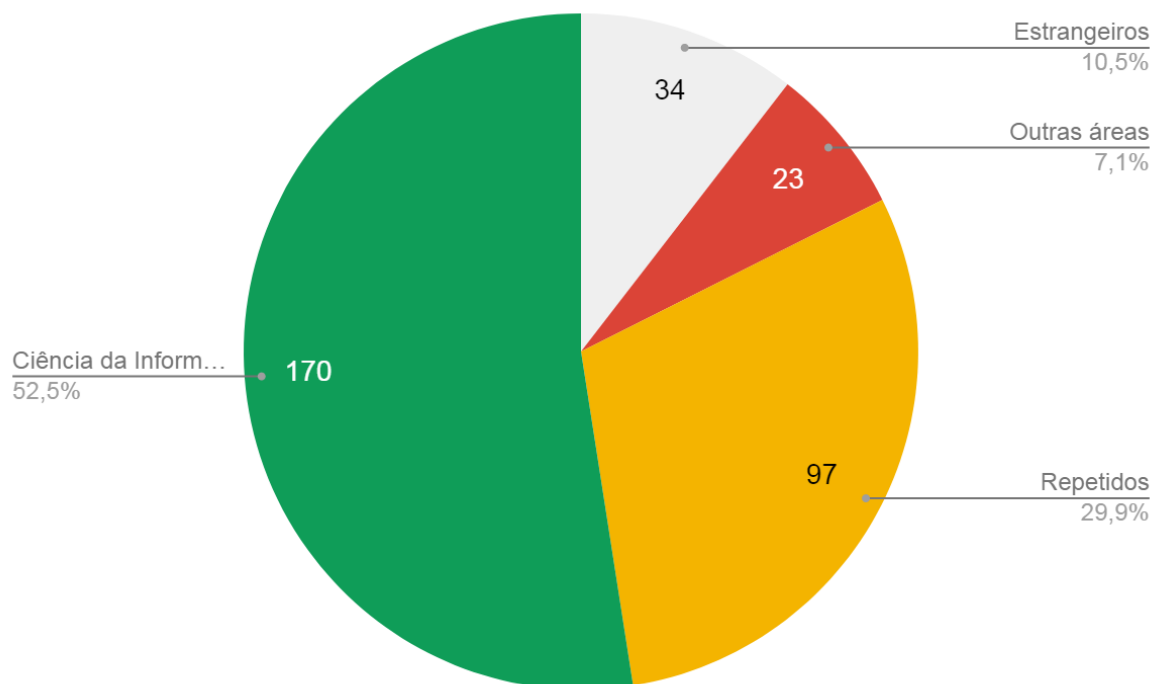
- a) **Virtualização da memória:** um único registro, semelhante ao registro recuperado ao se utilizar o operador booleano *AND*. O uso de aspas em virtualização da memória não trouxe qualquer resultado;
- b) **Memória virtual:** apresentou 44 registros, obtendo-se os mesmos registros com o uso do operador booleano *AND*. O uso de aspas em memória virtual resultou em nove registros, todos já arrolados nos 44 registros iniciais;
- c) **Memória digital:** 132 registros, apresentando resultado semelhante quando do uso do operador booleano *AND*. O uso de aspas trouxe 11 registros que já haviam sido recuperados na busca sem o uso de aspas;
- d) **Patrimônio virtual:** resultou em 22 registros, sendo semelhantes aos recuperados com o uso do operador booleano *AND*. Com o uso de aspas, obteve-se um único registro, já arrolado na palavra-chave sem aspas;
- e) **Patrimônio digital:** apontou 76 registros semelhantes aos recuperados com o uso do operador booleano *AND*. O uso de aspas trouxe 22 registros, nenhum deles diferente dos já arrolados em Patrimônio digital sem aspas;
- f) **Memória em rede:** obteve-se 38 registros e, ao se utilizar aspas, um único registro, semelhante ao já arrolado na busca sem o uso de operadores;
- g) **Cibermemória:** não se obteve qualquer resultado;

h) **Memória AND ciberespaço:** 11 registros.

Diante dessas observações, o passo subsequente foi a exclusão dos registros duplicados, que resultou na seguinte quantidade de registros: um em virtualização da memória; 44 em memória virtual; 132 em memória digital; 22 em patrimônio virtual; 76 em patrimônio digital; 38 em memória em rede; e 11 em memória *AND* ciberespaço, perfazendo um total de 324 registros.

Concomitante à análise dos registros recuperados, percebeu-se a necessidade de identificar a origem de cada texto e, conseqüentemente, a criação de categorias para auxiliar na seleção e sistematização dos dados, devido ao fato de que a pesquisa ancora-se na produção de autores da Ciência da Informação brasileira, de acordo com o estabelecido nos parâmetros propostos. Diante disso, a etapa seguinte consistiu na análise das produções científicas recuperadas. Nos casos em que não foi possível identificar a área de atuação ou a situação acadêmica dos autores, averiguou-se o perfil no Currículo Lattes, plataforma *online* de dados de currículos de estudantes e pesquisadores brasileiros, mantida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Nessa etapa da pesquisa, houve a classificação da produção científica com base nos dados obtidos relativos ao campo de atuação e país dos autores, como também a identificação de registros repetidos. O Gráfico 1, a seguir, representa visualmente a produção científica recuperada com base nas categorias autores da “Ciência da Informação”, “Estrangeiros”, “Outras áreas” e “Repetidos”.

Gráfico 1 – Distribuição da produção científica recuperada na BRAPCI, por autores.



Fonte: dados da pesquisa.

Após a conclusão dessas etapas, a categorização da produção científica recuperada resultou em 34 textos de autores estrangeiros - descartados por não atenderem ao critério da pesquisa que estabelecia o recorte autores brasileiros; 23 textos de autores de outras áreas, como Arquitetura, Cinema, Comunicação Social, Direito, Educação, Engenharia, História, Letras, Musicologia, Saúde Pública, etc. - desconsiderados por não serem produção de pesquisadores vinculados à Ciência da Informação; 97 textos repetidos - textos recuperados em mais de um termo de busca e, em alguns casos, também duplicados em um mesmo termo de busca; e 170 textos de autores da Ciência da Informação brasileira - aqui, foi considerada toda a produção científica com no mínimo um autor vinculado à Ciência da Informação e os relacionados às áreas da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, visto que abarcam aproximações de pesquisa no mesmo viés interdisciplinar da temática com a Ciência da Informação.

Com a sistematização dos dados, iniciou-se a etapa de leitura técnica dos resumos dos 170 textos produzidos por autores da Ciência da Informação brasileira e observou-se que, através dos resumos, não seriam obtidas informações relativas aos

termos e definições e nem qualquer possibilidade de embasamento teórico, pertinentes aos objetivos da pesquisa.

Com a perspectiva de prazo exíguo para a leitura técnica dos 170 textos recuperados e visando a devida apropriação dos termos e definições relacionados à temática, partiu-se então para uma nova sistemática, reduzindo-se o recorte temporal para dez anos: 2009 a 2018. Com base nessas premissas, foram descartados 22 textos publicados entre 2000 e 2008, resultando em um *corpus* de pesquisa formado por 148 produções científicas que foram, então, submetidas à leitura técnica do texto completo.

Através da análise do conteúdo do *corpus*, foram identificados 106 textos publicados em periódicos ou apresentados nos ENANCIB que tratavam de temas relacionados à memória em ambientes virtuais (ou ciberespaço), em sua maioria voltados para aspectos de implantação de tecnologias, organização do conhecimento, criação de repositórios digitais e de problemáticas inerentes à preservação digital, que não incluíam definições e nem aproximações vinculadas aos objetivos deste trabalho.

Assim sendo, com esta análise, obteve-se 42 textos com abordagem relacionada à temática da memória e virtualização, que contemplam termos e definições que contribuem para o mapeamento dos autores que pesquisam virtualização da memória na Ciência da Informação brasileira e a análise das relações entre os termos e as definições nos contextos textuais em que são empregados. Para ilustrar os resultados, construiu-se um esquema apresentando os conceitos identificados nos textos analisados, evidenciando as relações associativas entre eles.

4 MEMÓRIA E VIRTUALIZAÇÃO: TERMOS E CONCEITOS EMERGENTES

Este trabalho pretendeu compreender como é estudada a temática da virtualização da memória, englobando a análise dos termos e conceitos utilizados nos contextos em que são empregados, tendo como base textos de autores da Ciência da Informação brasileira, indexados na BRAPCI e publicados em periódicos ou apresentados nos ENANCIB no período de 2009 a 2018. Os dados são constituídos da leitura técnica de 42 textos que apresentaram termos e conceitos concernentes aos objetivos deste estudo.

Entre o mapeamento de autores que versam sobre a temática e a percepção de relações associativas entre os termos e conceitos relativos aos ambientes virtuais e digitais, a leitura do texto completo também permitiu conhecer a forma com que a memória é abordada na era digital. Pensar memória é lembrar, esquecer, guardar, acumular, preservar, apagar, modificar, conservar, perder e recuperar, como um reflexo do desejo de não esquecimento, de perpetuação das lembranças.

Albuquerque, Santana Júnior e Nunes (2018), com o trabalho *Lugares de memória em rede: o caso da página Recife de Antigamente*, apresentam uma página de rede social virtual, o *Facebook*, e abordam o conceito de rede social virtual como um espaço de **memória em rede** ou também como espaço na *internet* onde as memórias são construídas coletivamente com a finalidade de acesso e preservação. Para os autores, a memória em rede possibilita incessantes fluxos de memória com a contínua criação de novos lugares de memória, a partir da produção e disseminação de conteúdos gerados pelos usuários.

Morigi, Massoni e Sena (2016), no artigo *Memórias virtuais da cidade nas redes sociais: as ruas de Porto Alegre no Facebook*, tecem sobre como as redes sociais e os suportes tecnológicos suscitam a ideia de lugares de armazenamento, de lugares de memória. As TICs possibilitam a formação da **memória virtual da web** ou **memória virtual** - objetos que se reconstroem em contínuo movimento e que formam o estoque informacional armazenado no ciberespaço. As **memórias nos espaços virtuais** refletem as memórias compartilhadas pelas pessoas e evidenciam aspectos que se assemelham à memória biológica, entre eles o que se refere ao processo lembrar-esquecer.

Com outra abordagem, o artigo *Recife de antigamente: uma coleção coletiva contemporânea*, de Santos, Albuquerque e Miranda (2017), também expõe as redes

sociais virtuais como ambientes virtuais de criação e compartilhamento de conteúdo de grupos com afinidades semelhantes, gerando coleções em meio ao acesso à rede digital. Com o crescimento do colecionismo em rede digital, eclodem as questões relativas ao armazenamento e recuperação das memórias externalizadas na forma escrita, no caso, em ambiente de memória *online* ou de rede social *online*. Na atual conjuntura da Ciência da Informação, termos usuais relacionados à memória também estão correlacionados aos fluxos gerados no contexto virtual: armazenamento, preservação, guarda, salvaguarda, registro, circulação, acesso, conservação, o que confirma a preocupação com o registro e disseminação dos saberes no ambiente virtual.

Para Massoni e Morigi (2017), no trabalho *A cidade na palma da mão: informações e memórias no aplicativo Foursquare*, as redes sociais virtuais potencializadas pelas ferramentas de comunicação moldam as atuais relações dos sujeitos com os lugares e possibilitam a produção e o compartilhamento de experiências em contínua reconstrução de memórias. No caso do aplicativo *Foursquare*, percebe-se que as representações da cidade vão se reconstruindo em um incessante fluxo de memórias que se mesclam entre o passado e o presente. Desta forma, os autores entendem que a **memória virtual** é construída pelas narrativas criadas nos ambientes virtuais e reproduzidas em permanente conexões e reconexões com o passado.

No artigo *Memórias em rede: as fotografias em ambientes virtuais*, Morigi e Massoni (2015) expõem a potencialidade dos compartilhamentos de imagens fotográficas nos ambientes em rede e as representações do espaço urbano no virtual. Através desses ambientes, que também denominam ambientes virtuais, e a influência da comunicação, a virtualização das imagens fotográficas se constitui na **memória coletiva virtualizada**. Corroborando com Mangan (2010), entendem que a **memória virtual** existe a partir da **memória digital**.

Morigi, Massoni, Dodebei e Damin (2018), no trabalho *Patrimônios culturais “lembrados e esquecidos” nas narrativas do portal da Copa de 2014*, entendem que, com o compartilhamento de informações em diferentes plataformas e dispositivos digitais, o ciberespaço trouxe uma nova concepção de permanência para a memória que, nos processos de construção e reconstrução, suscitam relações de memória e esquecimento (lembrar-esquecer). Dadas as características do ciberespaço, **ambiente comunicacional virtual da memória coletiva**, os autores instituem o

campo da memória social para os estudos da **memória virtual** (ou **memória no ciberespaço**). Com abordagem semelhante, complementam que a memória virtual é constituída pelas representações originadas a partir dos imaginários criados no espaço urbano e em seus elementos.

Com outro entendimento, Silva (2016), no artigo *A memória social registrada no Facebook*, afirma que a era digital difunde a **memória digital**, um formato de memória constituído pelo conjunto de informações registradas nas redes sociais *online* e que integra parte da história de uma sociedade. O âmbito digital transmite a ideia de que toda a memória é potencialmente armazenada e passível de recuperação, a qualquer tempo. A influência das TICs no registro e na guarda de informação infere pensar em um paradigma sobre as extensões da memória (humana) na atualidade. Para a autora, a nova forma de registrar **memória na atual era informacional** pode transformar as redes sociais em repositórios da memória social.

Segundo Gonçalves e Assis (2016), no artigo *A indexação social enquanto prática de representação colaborativa da informação imagética: a construção da memória na plataforma Flickr*, a *folksonomia* vem se consolidando como um importante indexador social para a organização e representação de conteúdos originados no ciberespaço, contribuindo na construção da **memória presente na esfera digital** (ou **memória no contexto digital**). Com base em discussões de outros autores, relacionando conceitos de **memória virtual** e memória coletiva, os autores entendem o ciberespaço como “uma dimensão contemporânea” e coletiva, onde circulam os objetos digitais, em um contínuo processo de construção da memória social.

Considerando que uma comunidade precisa da memória para ter sua identidade, Farias e Freire (2010; 2011) nos artigos *Registro de conhecimentos da comunidade Santa Clara no ciberespaço* e *Memória do cotidiano: registro da comunidade Santa Clara na web*, dispõem sobre os processos de coleta, organização, registro e divulgação dos saberes da comunidade no ciberespaço, mais especificamente em um *blog*, como alternativa para os riscos de exclusão informacional. O ciberespaço, por sua característica de desterritorialidade e infindáveis representações, abrange diferentes fluxos de informação e conexões. As autoras entendem que esses registros transformam-se em informação disponível na **memória virtual mundial** e que a integração do *blog* com as ferramentas de interação disponibilizadas pelas redes sociais virtuais, possibilita a sociabilização e a circulação

da informação, construindo novos contextos de produção e disseminação do conhecimento.

Salcedo e Lima (2018), com o artigo *O papel do bibliotecário na prática de preservação da memória institucional: o caso do Espaço Memória da Justiça Federal em Pernambuco*, expõem a importância da preservação da memória institucional, inclusive no meio virtual, e do papel do bibliotecário na criação, manutenção e atualização das informações nos espaços de memórias, cada vez mais consolidado pela sociedade. Entendem que o espaço de memória não deve ser confundido com a **memória no ambiente virtual**.

No viés da preservação digital e com foco na relação entre **memória e contraesquecimento no contexto das tecnologias de informação e comunicação**, o trabalho *A informação como substrato da vida: memória e (contra)esquecimento*, produzido por Jesus, Soledade e Toutain (2018), aborda questões inerentes às mudanças ocorridas com a transferência do conhecimento do meio analógico para o ciberespaço. Para os autores, trata-se de um meio virtual com caráter desterritorializado, volátil e desordenado que, além de dispor de informações diversificadas e da produção de saberes, estabelece um movimento contínuo de interação, reconstrução, alteração e exclusão. Assim sendo, entendem que concerne aos indivíduos e às instituições a responsabilidade na adoção de ações de preservação de acervos digitais, com a organização, registro e armazenamento do conjunto de informações que, na virtualidade das representações, se constituem na **memória digital ou memória nos ambientes virtuais**.

Molina, Santos e Ramirez (2015), em *Impactos das mídias digitais e o fazer humano: em foco a memória*, pautam sobre a integração do homem com as tecnologias comunicacionais, a partir da qual se estabelecem novos formatos de relação com as mídias digitais, promovendo diferenciados processos de apropriação e compartilhamento da informação disponibilizada de forma digital e da memória, o que gera mudança no saber pensar e no saber fazer. Nesse artigo, as autoras abordam postulações de Pierre Lévy sobre conceitos associados ao virtual e ao digital, e expõem a necessidade de entender o papel da **memória na era digital**, dado o impacto das mídias na produção e no armazenamento do conhecimento. O virtual é percebido como oposição ao atual, atualizando-se através do passado. Dessa forma, a virtualização existe na dimensão virtual em seu movimento, sem estabelecer sequência ordenada, sem ser definida por um lugar ou por um tempo. O digital é

relacionado aos objetos, como textos, sons, imagens. Como se pode perceber, a perspectiva das autoras corrobora com os pressupostos de Mangan (2010), para quem o virtual diz respeito ao espaço desterritorializado e compartilhado das redes, enquanto o digital abrange o domínio dos artefatos tecnológicos, ou seja, da representação da informação através de dígitos.

No artigo *Evidência da informação em plataformas digitais: da reflexão teórica à construção de um modelo*, estudo sobre modelos de informação com base nas plataformas digitais, Rockembach (2013) expõe que a **memória** no contexto atual “não é desmaterializada, mas **virtualizada**”. A transferência, a produção e o armazenamento da informação em um suporte digital não a torna apenas material e, sim, virtual, vinculada a múltiplos processos de construção, reconstrução, interatividade, compartilhamento. Com essas práticas, alteram-se também os modelos vigentes de preservação da memória, contudo evidencia-se que, para a Ciência da Informação, a preservação não abrange de forma eficaz as complexas representações virtualizadas e constantemente ressignificadas. Percebe-se que a concepção do autor não distingue memória virtual de memória digital, na medida em que postula que o armazenamento de informação em um suporte digital, por si só, já se caracteriza como construção de memória virtual, não alertando para a necessidade de seu compartilhamento em rede.

Santos e Flores (2017), no artigo *Preservação do patrimônio documental arquivístico em ambiente digital*, argumentam que as representações do patrimônio em diversos contextos, entre eles o ambiente digital, possibilita a preservação de lembranças e o reconhecimento de identidades. Atualmente, o documento arquivístico digital reflete um documento inserido em contexto do patrimônio documental em meio digital com base nos preceitos arquivísticos de registro de memórias individuais e coletivas aplicados no ambiente físico. A propagação da produção da informação em meio digital e o uso de documentos digitais e de suportes diferenciados de armazenamento evidenciam a necessidade de estudos e alterações de conceitos relacionados à prática arquivística, tendo em vista a inadequação dos procedimentos quanto à autenticidade, preservação e acesso a longo prazo frente à obsolescência tecnológica.

Esses conceitos também foram relacionados por Lopes e Flores (2016) no artigo *Patrimônio documental: a preservação digital em longo prazo*, em abordagem voltada para questões de preservação da **memória digital**, ou **memória dos**

documentos digitais, a longo prazo e com base em um programa relacionado à memória do **patrimônio documental mundial**. Para Silva (2015), no artigo *Preservação digital: um diagnóstico da literatura especializada brasileira*, lugares de memória configurados em ambientes físicos e virtuais e simbolizados pelas representações de memórias coletivas estabelecem novas dimensões culturais e sociais que exigem pensar na preservação do documento em formato digital para permitir o acesso perpétuo da informação digital, destacando a importância da **memória digital** para a memória coletiva.

Em outro artigo, *As vulnerabilidades dos documentos digitais: obsolescência tecnológica e ausência de políticas e práticas de preservação digital*, Santos e Flores (2015) apontam a fragilidade dos documentos digitais e os desafios atuais em relação às vulnerabilidades tecnológicas dos registros digitais e a necessidade de conhecê-las, a fim de se evitar lacunas na produção científica ocasionadas pelo desaparecimento ou perda da **memória digital**. A obsolescência tecnológica, devido às aceleradas transformações de ferramentas que afetam a perpetuidade da informação, aliada à inexistência de políticas e estratégias de preservação de acervos digitais, interferem no acesso a longo prazo.

Com o mesmo ponto de vista, Rabello e Castro (2012), no artigo *Intermediação da informação e preservação da memória digital*, enfatizam a necessidade de desenvolvimento de critérios e de políticas para a preservação da **memória digital**, como forma de se estabelecer estruturas condizentes para a guarda e acesso a longo prazo do conhecimento e da memória institucional. Entendem que a mediatização e a preservação de toda a informação digital ou criada digitalmente é de responsabilidade da instituição que a produz.

Soares e Galindo (2011), no artigo *O microfilme e o digital: as duas faces da preservação*, abordam a preocupação com a revolução tecnológica que, na atual cultura digital, impõe a adoção de estratégias eficientes para a guarda e a preservação da memória. Os autores relatam discussões posteriores ao Simpósio Internacional de Políticas Públicas para Acervos Digitais, realizado em São Paulo, em 2010, e destacam a necessidade de preservação da **memória digital** como elemento de difusão do estoque cultural.

Na mesma perspectiva, no entanto contextualizado em um ambiente de Educação a Distância (EaD), os autores Borba, Siebra, Galindo, Machiavelli e Gusmão (2015), em *Políticas de formatos de arquivos para objetos de aprendizagem:*

preservação digital no Saber Tecnologias Educacionais e Sociais, refletem sobre o acesso a longo prazo aos recursos digitais e a preservação do **patrimônio arquivístico digital** que compõe objetos de aprendizagem em ambientes de EaD. Diante da **memória digital** - conceituada como qualquer informação em meio digital, os autores enfatizam a necessidade de preservação com base em políticas públicas de preservação e planejamento estratégico para implantação de instrumentos de controle e padrões que possibilitem a permanência e a autenticidade da informação frente às mudanças tecnológicas.

Seguindo as mesmas discussões e aprofundando mais as questões de políticas de preservação de arquivos, Britto, Mokarzel e Corradi (2017), no artigo *O arquivo enquanto lugar de memória e sua relação com a identidade*, observam que, apesar da digitalização ser massivamente considerada uma forma de preservação, o ciberespaço, por suas características de efemeridade e instantaneidade, não se apresenta como um ambiente estável para a guarda de arquivos. O ambiente virtual requer a adoção de práticas condizentes de preservação que venham ao encontro do complexo e movimentado ciberespaço, que não estabelece um tempo linear para os arquivos em ambientes virtuais, diretamente afetados pela obsolescência tecnológica, diferentemente do que ocorre na prática arquivística.

Os autores corroboram com a visão de Monteiro, Carelli e Pickler (2006) sobre a fragilidade da preservação das memórias formadas a partir das mensagens originadas das redes de comunicação e das **memórias em forma digital**, por serem criadas e digitalizadas sem a preocupação com a longevidade. Entendem que a ausência ou desaparecimento gera o **esquecimento digital** e, nesse sentido, há o receio do que denominam de **"amnésia digital"**. Com base em outros autores, as **memórias oriundas dos arquivos digitais**, nesse fenômeno de lembrança-esquecimento, são pensadas como memória artificial, por sua aproximação com a memória "humana". As mudanças ocorridas a partir das TICs provocam reflexões sobre os novos paradigmas, segmentados por aspectos evidenciados na construção e reconstrução das **memórias digitais**. Estas se assemelham com a memória humana, no entanto, em um intrínseco movimento desordenado, o que alarga a ideia sobre os riscos de esquecimento.

Aproximando-se da problemática relacionada à **amnésia digital** e com enfoque na preservação digital de imagens e na preservação integral desses objetos informacionais, Castilho e Lima (2017), com o artigo *A contribuição da Ciência da*

Informação para a preservação de imagens digitais: uma análise da produção científica recente, expõem que as tecnologias potencializam a criação e disseminação de informação digital, mas que podem provocar a amnésia digital, em função da ausência ou má gestão de acervos imagéticos na web.

Com o uso de outros termos e expressões, Yamane e Castro (2018), no artigo *O estudo e a identificação dos padrões de metadados para a representação e a recuperação da imagem digital na perspectiva da web*, discorrem sobre padrões de descrição para as fotografias digitais ou digitalizadas dispostas em ambientes informacionais digitais, sendo que a representação imagética em meio digital ou eletrônico se constitui em um suporte de recuperação de **memória digital**, o que promove a reconstrução da memória.

Com a mesma postura e focado no contexto arquitetônico, o artigo *Reflexões sobre o patrimônio digital a partir da experiência do projeto Arquigrafia*, produzido por Rozestraten, Lima, Marques e Ferreira (2015), reflete sobre a necessidade de se estabelecer padrões de representação descritiva dos documentos arquitetônicos físicos e virtuais disponibilizados em um ambiente colaborativo. Os procedimentos de representação e recuperação do **patrimônio digital**, constituído pelas imagens, visam seu acesso e compartilhamento.

Em outra perspectiva, Holanda e Silva (2012), no artigo *Memória e esquecimento para além dos suportes materiais de registro da informação: a cibercultura no ciberespaço*, argumentam que a **memória eletrônica** ou **digital** traz à pauta a preocupação com o apagamento tanto da memória biológica como da memória artificial que, apesar de externalizada nos mais diversos suportes a partir da escrita, evidencia uma possível perda ou destruição da informação. Não há qualquer dúvida sobre a influência das TICs no uso massivo de suportes virtuais para o armazenamento de documentos e, também, na formação de novos processos cognitivos nas relações entre o ser humano e a cultura e a memória. Em um estudo conceitual sobre a temática da memória e do esquecimento no campo da Ciência da Informação, os autores apontam a necessidade de aprofundamento das relações interdisciplinares no sentido de ampliar o olhar sobre os modelos de armazenamento.

Essas preocupações ficam evidentes em alguns trabalhos como o de Capistrano e Unglaub (2018), *Memórias e histórias do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias de Florianópolis*, para quem a preservação da trajetória histórica de uma instituição perpassa, na atualidade, um memorial virtual, com atributo

de memória artificial, por sua criação em um ambiente virtual e a forma como os registros de memória são organizados e preservados.

Já Galindo (2012), com o artigo *O dilemma do Pharmacon*, observa que os avanços das TICs vêm transformando significativamente as formas de armazenamento da memória biológica (humana), ampliadas pelas chamadas próteses de memória elaboradas pelos sujeitos. Através desses novos processos de guarda, a possibilidade de acesso impulsiona as redes de compartilhamento e as práticas colaborativas. Pelo viés da preservação, a **memória digital** ou **memória em meio digital** está condicionada ao valor histórico, econômico e cultural, o que, no entanto, pode afetar o acesso a longo prazo se as instituições não adotarem estratégias e padrões de preservação.

O artigo *Memória digital e organização de pesquisas com uso das TICs: competência informacional e midiática*, de Silva (2017), aborda o uso de ferramentas tecnológicas e colaborativas na gestão da informação, auxiliando a implantação de processos educacionais para a aprendizagem no campo da pesquisa. No entanto, traz uma diferenciação conceitual para **memória digital**. A autora aponta que as informações e os conteúdos podem ser produzidos e arquivados em recursos de armazenamento digital como “aplicativos, blocos de notas, gerenciadores de projetos e tarefas, armazenamento em nuvem, entre outros”, compreendidos como memórias digitais, e que permitem a organização da informação e do aprendizado.

Com outro ponto de vista, Rodrigues e Oliveira (2015), no artigo *Memória e esquecimento no mundo virtual: os mesmos fios tecendo uma nova trama?*, entendem que, no cenário atual, um mundo virtual intensificado pelas TICs coloca a **memória digital** - memórias modeladas pelas tecnologias digitais, em movimento, em um constante processo de reconstrução e compartilhamento, em que a memória registrada e armazenada nesse meio (mundo virtual) é recuperada através dos motores de busca, contrapondo-se ao receio de esquecimento, o que, no entanto, acarreta em outras problemáticas relacionadas à memória: o “direito à informação”, o “direito ao esquecimento” e o “direito à memória”. Percebe-se que as autoras corroboram com a distinção entre memória virtual e memória digital, atrelando a virtualização à reconstrução e ao compartilhamento da memória digital.

Na opinião dos autores Holanda e Silva (2012), faculta organizar a informação produzida ou depositada nos ambientes virtuais considerando que se vive uma cultura pautada em um mundo relacional. Sendo assim, porque não estimular as memórias

construídas e armazenadas no atual, “[...] mesmo que, futuramente, a opção seja pelo esquecimento. Mas um esquecimento como seleção e não como determinação, figurado principalmente pela liberdade de expressão” (HOLANDA; SILVA, 2012, n.p.). No trabalho *Museus virtuais: entre termos, conceitos e formatos*, Ferreira e Rocha (2018), com base em diversos autores, postulam o ciberespaço como um “não-lugar antropológico” em contínua transformação pela transitoriedade com que se estabelecem as relações entre os lugares e os sujeitos. Assim sendo, as relações são moldadas pelos ilimitados e oscilantes fluxos que interferem na construção de relações identitárias, o que suscita a necessidade da criação de espaços relacionais, evidenciados nos vários modelos de museus extra-físicos.

Com enfoque nas interfaces de museus virtuais, Ferreira e Rocha (2017), neste outro trabalho, *Museu virtual conversão digital: curadoria digital e interfaces virtuais*, abordam alguns aspectos da virtualização que, por se apresentar desvinculada de tempo e espaço, é delineada em um sentido de desterritorialização, não estando relacionada tão somente à desmaterialização de objetos. Corroborando com os pressupostos de outros autores, partilham sobre a implantação de linguagens que permitam o acesso universal ao **patrimônio digital** – considerado como os bens culturais disponibilizados em ambiente colaborativo da *web*, promovendo assim a contínua circulação e difusão.

Jorente, Silva e Pimenta (2015) no artigo *Cultura, memória e curadoria digital na plataforma SNIIC*, elencam o uso de plataformas digitais em estudos que visam à visibilidade das **memórias em instância digital** ou **em sua dimensão digital** e seus processos de construção, preservação e disseminação. Com as tecnologias, surgem termos como ambientes virtuais ou digitais - caracterizados como “o lugar no ciberespaço para a comunicação”, um lugar de sociabilização, não validado apenas como espaço de representação e armazenamento de informação. Com isso, amplia-se a disponibilização de coleções nesses ambientes, tanto de acervos pessoais como institucionais, fazendo emergir exponencialmente a cultura digital e o **patrimônio digital** - este representado por bens culturais criados somente no ambiente virtual ou por bens duplicados na representação da *web*. Os bens duplicados referem-se aos que passam por processo de digitalização. Para as autoras, essa cultura digital tem se configurado como **patrimônio digital**. Em outro artigo, *O papel do design da informação na curadoria digital do Museu da Pessoa*, de Kahn e Jorente (2016), os autores trazem a importância sociocultural do virtual em um contexto de museu virtual,

com a disponibilização da **coleção virtual de memórias** na plataforma, integrando o bem cultural ao ciberespaço.

Com aproximações semelhantes, Reis, Serres e Nunes (2016), no artigo *Bens culturais digitais: reflexões conceituais a partir do contexto virtual*, refletem sobre os novos processos de significação para os bens culturais ou bens patrimoniais que se constituem no **patrimônio cultural digital** - compreendido como bens culturais materiais e imateriais duplicados digitalmente, protegidos ou não por instituições e estabelecendo práticas colaborativas em meio digital que visibilizam o patrimônio e o acesso à memória coletiva. Os autores também comparam aspectos entre o **patrimônio digital** e o tradicional de “pedra e cal”, apresentando o **patrimônio digital** e o **patrimônio virtual** como a representação de bens em circulação no ciberespaço, classificados em bens nascidos eletronicamente e bens duplicados e preservados por processos digitais.

No artigo *Patrimônio cultural, memória social e informação: a cidade de Porto Alegre na palma da sua mão?*, de Damin, Dodebei, Morigi e Massoni (2018), observa-se a convergência conceitual com os objetos informacionais que os autores compreendem como códigos numéricos inscritos nos ambientes virtuais que tornam visível a imaterialidade ou o intangível. Nesse sentido, fotos, textos, vídeos, áudios constituem a **memória** e o **patrimônio constituído no ambiente virtual** e com atributos de mediadores das memórias, possibilitando a representação do patrimônio em meio *online* e o compartilhamento entre indivíduos e grupos, caracterizando a memória cultural em uma dinâmica atualização e modificação dos conteúdos. Na reflexão sobre a relação entre a memória e o patrimônio cultural de uma cidade no meio *online*, percebe-se que a tecnologia está intrinsecamente incorporada às vivências dos sujeitos, sendo o meio *online* entremeado pelas ações do mundo *offline*.

Já em outro artigo, com alguns conceitos então emergentes, Dodebei (2011), em *Cultura digital: novo sentido e significado de documento para a memória social?*, relata a existência de grupos de discussão da **memória digital** que, apesar de apresentar pautas como a de preservação da **memória no ciberespaço**, se pelo controle, proteção ou disseminação, ainda não aponta um conceito definitivo para **memória digital**. Esta é amplamente entendida como “qualquer coisa que circula no ambiente virtual”. Com a intensificação das mídias comunicacionais emergem novos valores culturais: o **patrimônio digitalizado** e o **patrimônio nascido digital** –

compreendidos como objeto informacional não mais reconhecido como documento e relacionado ao processo da **memória digital**.

Para as autoras Mello, Luz, Montijano e Andrade (2012; 2015), nos artigos *Sistemas de informação, cyber cultura e digitalização do patrimônio sergipano: a museologia na web* e *A museologia na web: sistema de informação sobre patrimônio cultural na era digital*, o uso das tecnologias e dos recursos digitais em museus como meio de preservação da **memória na era da globalização e do esquecimento** têm demonstrado que a memória social pode ser entendida como **patrimônio digital**. O grande cerne e desafio dessa construção social é o processo de virtualização que amplia a guarda e o acesso à **memória digital** – “fragmentos informacionais na *internet*”, como fonte de preservação dos valores sociais, das heranças, das tradições, das linguagens que se transformam no **patrimônio digital mundial**.

Na mesma perspectiva sobre o formato de patrimônio que emerge para atender aos novos meios de organização, armazenamento e acesso à informação/conhecimento, e possibilitando aos museus a circulação e a disseminação de seus acervos de forma a evitar a perda ou o esquecimento, Padilha, Café e Silva (2014), no artigo *O papel das instituições museológicas na sociedade da informação/conhecimento*, associam o **patrimônio digital** aos acervos físicos duplicados para o meio digital e o **patrimônio virtual** relacionam ao **patrimônio digital**, constituídos de patrimônio imaterial que circula na *web*. Representado por fragmentos de memória, o patrimônio não deve ser considerado apenas como objeto, mas pelo seu valor como informação, como conhecimento selecionado e compartilhado por determinado grupo.

O artigo *Memória do corpo e ciberespaço em diálogo*, de Dodebei e Doyle (2015), aborda questões relativas aos altos custos dos processos de digitalização de acervos, como recurso de salvaguarda e armazenamento do patrimônio mundial, e apresentam um diálogo entre a memória humana e a **memória eletrônica da web/internet**, também denominada **memória do ciberespaço**. As autoras apreendem o ciberespaço como a **memória técnica** ou **memória técnica do ciberespaço**, sendo essa memória composta pela rede de sistema computacional (*internet*) e pela rede de endereços visualizada em uma interface gráfica (*web*).

Diante da acumulação contínua de informações no ciberespaço, o artigo *Organização do conhecimento em shortcuts: memórias de pesquisa sob o *sprit benjaminiano**, de Dodebei (2017), traz aspectos da memória que não se referem às

coleções de documentos no ciberespaço, e sim à localização de dados digitais espalhados no ciberespaço. A autora busca compreender os **restos memoriais**, considerados os detritos de cunho eletrônico, que a autora denomina restos, ou lixo digital espalhado no ciberespaço, ou também, em outro sentido, os rastros ou lembranças auráticas de vestígios de memória.

A partir do constructo textual discutido acima, o Quadro 2, a seguir, demonstra a compilação dos dados considerados relevantes e estabelecidos de acordo com os objetivos do trabalho. Pretende-se, desta forma, evidenciar os autores e as instituições às quais estão vinculados, os termos e expressões utilizados pelos autores e identificados em cada texto, além de apresentar de que modo os autores da área estão se apropriando dos conceitos desenvolvidos em estudos sobre memória e virtualização.

Quadro 2 – Autores, Termos, Expressões e Definições sobre Memória e Virtualização.

Autoras e Autores	Termos, Expressões e Definições
João Pedro Silva de Albuquerque (UFPE) Célio Andrade de Santana Júnior (UFPE) Amanda Maria de Almeida Nunes (UFPE)	Memória em rede: gerada pela produção e disseminação de conteúdos gerados pelos usuários de sistemas de informação, possibilitando incessantes fluxos de memória e a contínua criação de novos lugares de memória.
Vildeane da Rocha Borba (UFPE) Sandra de Albuquerque Siebra (UFPE) Marcos Galindo (UFPE) Josiane Lemos Machiavelli (UFPE) Cristine Martins Gomes Gusmão (UFPE)	Memória digital: qualquer informação em meio digital; Patrimônio arquivístico digital.
Augusto César Luiz Britto (UNAMA) Marisa de Oliveira Mokarzel (UNAMA) Analaura Corradi (UNAMA)	Amnésia digital; Esquecimento digital: causado pela ausência ou desaparecimento em meio digital; Memória digital: assemelha-se à memória humana, mas em um intrínseco movimento desordenado, o que alarga a ideia sobre os riscos de esquecimento; Memória em forma digital; Memória oriunda dos arquivos digitais. *Seguem a perspectiva de Monteiro, Carelli e Pickler (2006), não apresentando termos e conceitos próprios.
Tatiana Quadra e Silva Capistrano (Prefeitura Municipal de Florianópolis) Tânia Regina da Rocha Unglaub (UDESC)	Não foram identificados termos ou conceitos.
Luciana Aparecida de Lima Castilho (USP) Vânia Mara Alves Lima (USP)	Amnésia digital.

Marina Leitão Damin (UNIRIO) Vera Dodebei (UNIRIO) Valdir José Morigi (UFRGS) Luis Fernando Herbert Massoni (UFRGS)	Ambiente comunicacional virtual da memória coletiva; Memória constituída no ambiente virtual: fotos, textos, vídeos e áudios com atributos de mediadores das memórias, possibilitando a representação do patrimônio em meio <i>online</i> e o compartilhamento entre indivíduos e grupos, caracterizando a memória cultural em uma dinâmica atualização e modificação dos conteúdos; Memória no ciberespaço; Memória virtual: constituída pelas representações originadas a partir dos imaginários criados no espaço urbano e em seus elementos; Patrimônio constituído no ambiente virtual.
Vera Dodebei (UNIRIO)	Memória digital: qualquer coisa que circula no ambiente virtual; Memória no ciberespaço; Patrimônio digitalizado: objeto informacional não mais reconhecido como documento e relacionado ao processo da memória digital; Patrimônio nascido digital; Restos memoriais: considerados os dejetos de cunho eletrônico, restos ou lixo digital espalhado no ciberespaço, ou também, em outro sentido, os rastros ou lembranças auráticas de vestígios de memória.
Vera Dodebei (UNIRIO) Andréa Doyle (IBICT-UFRJ)	Memória do ciberespaço; Memória eletrônica da web/internet; Memória técnica; Memória técnica do ciberespaço.
Maria Giovanna Guedes Farias (UFPB) Isa Maria Freire (UFPB)	Memória virtual mundial: formado pelas informações disponíveis no ciberespaço, caracterizado pela desterritorialização e infindáveis representações.
Rubens Ramos Ferreira (UNIRIO) Luísa Maria G. M. Rocha (Instituto de Pesquisas Jardim Botânico Rio de Janeiro)	Patrimônio digital: os bens culturais disponibilizados em ambiente colaborativo da <i>web</i> , promovendo assim a contínua circulação e difusão.
Marcos Galindo (UFPE)	Memória digital; Memória em meio digital.
José Luiz Costa Sousa Gonçalves (UFRJ) Juliana de Assis (UFRJ)	Memória no contexto digital; Memória presente na esfera digital; Memória virtual.
Adriana de Buarque de Holanda (UFPE) Fábio Mascarenhas e Silva (UFPE)	Memória digital; Memória eletrônica.
Maria José Vicentini Jorente (UNESP) Anahi Rocha Silva (UNESP) Ricardo Medeiros Pimenta (IBICT-UFRJ)	Memória em instância digital; Memória em sua dimensão digital; Patrimônio digital: bens culturais criados somente no ambiente virtual ou por bens duplicados na representação da <i>web</i> .
Karen Kahn (UNESP) Maria José Vicentini Jorente (UNESP)	Coleção virtual de memórias.

Ana Suely Pinho Lopes (UFSM) Daniel Flores (UFSM)	Memória digital; Memória dos documentos digitais; Patrimônio documental mundial.
Luis Fernando Herbert Massoni (UFRGS) Valdir José Morigi (UFRGS)	Memória coletiva virtualizada; Memória digital; Memória virtual: é construída pelas narrativas criadas nos ambientes virtuais e reproduzida em permanentes conexões e reconexões com o passado.
Janaína Cardoso de Mello (UFS) Fabiana Conceição Lima Luz (UFS) Maria Márcia Crisanto Leão Montijano (UFS) Ângela Maria Ferreira de Andrade (UFS)	Memória digital; Memória na era do esquecimento; Memória na era da globalização; Patrimônio digital: constituído por fragmentos informacionais na <i>internet</i> ; Patrimônio digital mundial.
Letícia Gorri Molina (UEL) Juliana Cardoso dos Santos (UEL) Diana Marcela Bernal Ramirez (UEL)	Memória na era digital.
Valdir José Morigi (UFRGS) Luis Fernando Herbert Massoni (UFRGS) Jocelaine Rodrigues de Sena (UFRGS)	Memória nos espaços virtuais; Memória virtual: objetos que se reconstróem em contínuo movimento e que formam o estoque informacional armazenado no ciberespaço; Memória virtual da web.
Renata Cardozo Padilha (UFSC) Ligia Café (UFSC) Edna Lúcia da Silva (UFSC)	Patrimônio digital: acervos físicos duplicados para o meio digital; Patrimônio virtual: patrimônio imaterial que circula na <i>web</i> .
Rodrigo Rabello (IBICT) Virgínia Ferreira da Silva Castro (IBICT)	Memória digital.
Marina Gowert dos Reis (UFPEl) Juliane Conceição Primon Serres (UFPEl) João Fernando Igansi Nunes (UFPEl)	Patrimônio cultural digital: bens culturais materiais e imateriais duplicados digitalmente, protegidos ou não por instituições e estabelecendo práticas colaborativas em meio digital que visibilizam o patrimônio e o acesso à memória coletiva; Patrimônio digital; Patrimônio virtual: representação de bens em circulação no ciberespaço, classificados em bens nascidos eletronicamente e bens duplicados e preservados por processos digitais.
Moisés Rockembach (Universidade do Porto)	Memória virtualizada.
Georgete Medleg Rodrigues (UnB) Eliane Braga de Oliveira (UnB)	Memória digital: memórias modeladas pelas tecnologias digitais.
Artur Simões Rozestraten (USP) Vânia Mara Alves Lima (USP) Eliana de Azevedo Marques (USP) Marina de Souza Barbosa Ferreira (USP)	Patrimônio digital: documentos físicos e virtuais disponibilizados em um ambiente colaborativo.
Diego Salcedo (UFPE)	Memória no ambiente virtual.

Igor Pires Lima (Tribunal Federal da Quinta Região)	
Henrique Machado dos Santos (UFSM) Daniel Flores (UFSM)	Memória digital.
Paula Wivian Quirino Dos Santos (UFPE) João Pedro Silva de Albuquerque (UFPE) Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda (UFPE)	Não foram identificados termos ou conceitos.
Fabíola Rubim Silva (UFJF)	Memória digital.
Ilaydiany Oliveira Silva (UFRN)	Memória digital: formato de memória constituído pelo conjunto de informações registradas nas redes sociais <i>online</i> e que integra parte da história de uma sociedade. Memória na atual era informacional.
Vera Lucia Marques da Silva (SENAC Francisco Matarazzo)	Memória digital: as informações e os conteúdos produzidos e arquivados em recursos de armazenamento digital, como aplicativos, blocos de notas, gerenciadores de projetos e tarefas, armazenamento em nuvem.
Sandra Maria Veríssimo Soares (UFPE) Marcos Galindo (UFPE)	Memória digital.
Mirleno Lívio Monteiro de Jesus (UFBA) Pablo Soledade (UFBA) Lídia Maria Batista Brandão Toutain (UFBA)	Contraesquecimento no contexto das tecnologias de informação e comunicação; Memória digital: acervos digitais formados por conjuntos de informações na virtualidade das representações; Memória no contexto das tecnologias de informação e comunicação; Memória nos ambientes virtuais.
Gabriela Aparecida da Cunha Yamane (UFSCar) Fabiano Ferreira de Castro (UFSCar)	Memória digital.

Fonte: dados da pesquisa.

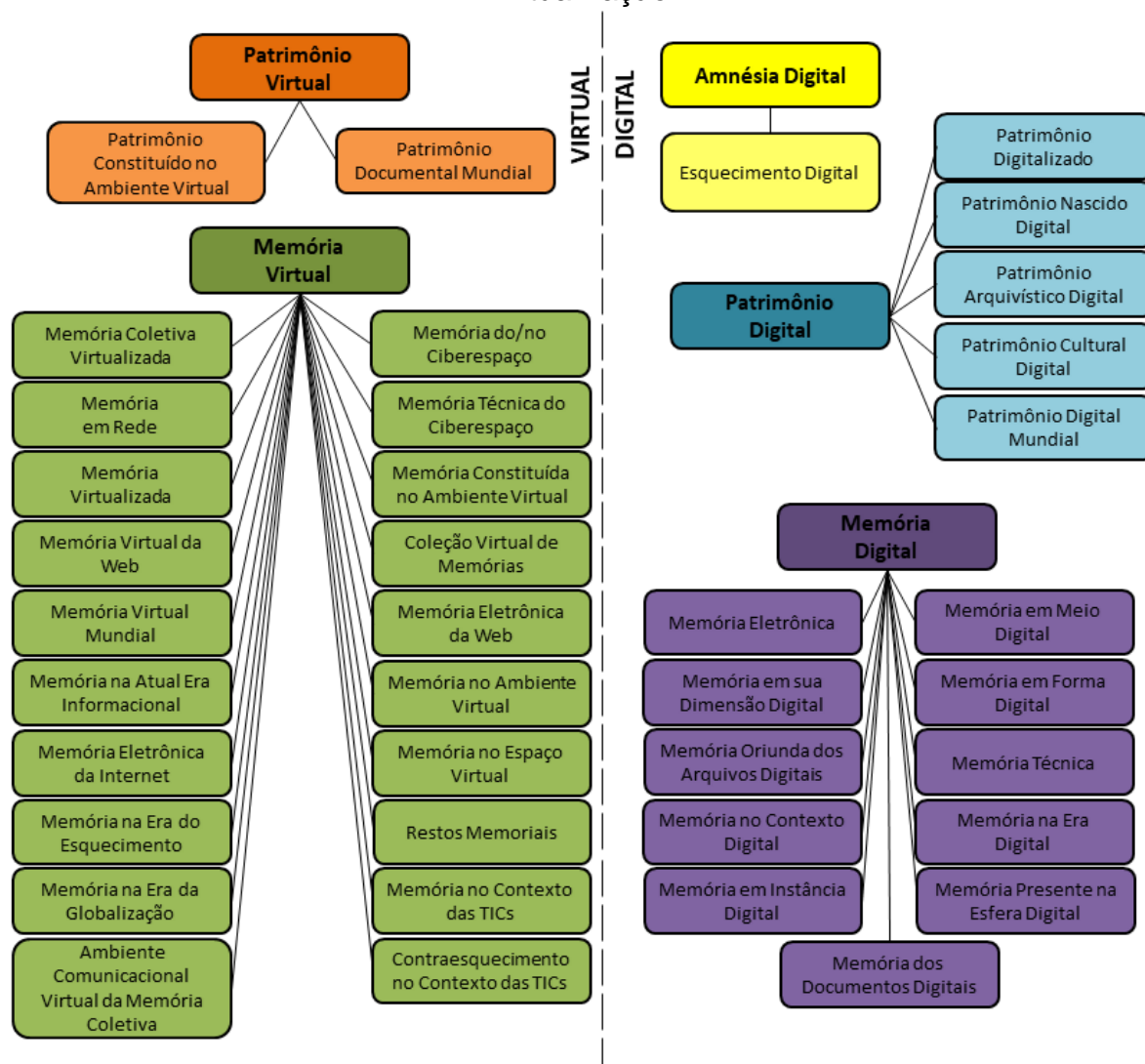
Do total de 42 textos publicados em artigos de periódicos (35) e apresentados nos ENANCIB (sete), verifica-se a atuação de 70 autores em estudos que abordam aspectos relacionados à temática memória e virtualização, vinculados a 25 instituições – 24 nacionais e uma internacional. Dentre as instituições, 20 universidades, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o SENAC Francisco Matarazzo, o Tribunal Federal da 5ª Região e a Prefeitura de Florianópolis.

A análise dos dados resultou na identificação de 44 termos e expressões, relacionados no Quadro acima, o que confirma as reflexões iniciais acerca do uso de termos e definições distintos atribuídos à memória em ambientes virtuais e digitais.

Optou-se em selecionar e expor os termos e expressões identificados com atributos associados à virtualização da memória, evidenciando as relações associativas entre eles. A análise consistiu na identificação dos conceitos, mas isso nem sempre foi possível, visto que nem todos os conceitos são apresentados de forma tão evidente. Pode ser que os autores tenham uma conceituação própria, porém não a definem de maneira objetiva na sua escrita. Também é possível observar que os termos não convergem na mesma conceituação entre os autores, refletindo conceitos diferentes, de acordo com o entendimento e a perspectiva adotada por cada autor.

Para uma melhor visualização dos termos e expressões identificados na análise dos textos, foi elaborado um esquema, adotando-se a perspectiva de divisão de organização de acordo com as categorias “virtual” e “digital”, considerando a apropriação de alguns autores, com base na proposta conceitual de Mangan (2010), que compreende a memória digital como determinada pelo suporte computacional, associada a questões técnicas e às tecnologias de informação. Compreende-se que há uma diferenciação entre esses conceitos, entretanto, alguns autores consideram os dois como vocábulos sinônimos. Assim sendo, por uma questão de organização, optou-se por categorizar dessa maneira, orientando-se pela divisão entre Virtual e Digital e entre Memória e Patrimônio.

Figura 1 – Esquema de Termos e Expressões Relacionados à Memória e Virtualização.



Fonte: dados da pesquisa.

Destaca-se aqui, nesta análise, o predomínio de ocorrências do termo **memória digital**, amplamente utilizado e caracterizado por conceituações distintas, assim identificadas, por alguns autores: qualquer informação em meio digital ou também qualquer coisa que circula no ambiente virtual; memórias modeladas pelas tecnologias digitais; um formato de memória constituído pelo conjunto de informações registradas nas redes sociais *online* e que integra parte da história de uma sociedade; acervos digitais formados por conjuntos de informações na virtualidade das representações; assemelha-se à memória humana, mas em um intrínseco movimento desordenado, o que alarga a ideia sobre os riscos de esquecimento; as informações e os conteúdos produzidos e arquivados em recursos de armazenamento digital, como

aplicativos, blocos de notas, gerenciadores de projetos e tarefas, armazenamento em nuvem.

Em seguida, **patrimônio digital** aparece como termo recorrente, sendo compreendido entre os autores como: bens culturais criados somente no ambiente virtual ou por bens duplicados na representação da *web*; bens culturais disponibilizados em ambiente colaborativo da *web*, promovendo assim a contínua circulação e difusão; constituído por fragmentos informacionais na *internet*; documentos físicos e virtuais disponibilizados em um ambiente colaborativo; acervos físicos duplicados para o meio digital. Salienta-se que o termo patrimônio digital passou a ser empregado com maior recorrência após sua oficialização pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 2003.

Na sequência, com baixa ocorrência, o termo **memória virtual** é o que apresenta maior convergência conceitual entre os autores, apesar de poucas contribuições. Compreendida como: construída pelas narrativas criadas nos ambientes virtuais e reproduzidas em permanentes conexões e reconexões com o passado; constituída pelas representações originadas a partir dos imaginários criados no espaço urbano e em seus elementos; objetos que se reconstroem em contínuo movimento e que formam o estoque informacional armazenado no ciberespaço. Contudo, o termo **memória virtual** apresenta a maior quantidade de termos e expressões associados ao âmbito virtual (20), seguido por **memória digital**, com 11. Já o termo **patrimônio digital**, também no âmbito digital, apresenta cinco termos e expressões associados, enquanto **patrimônio virtual** possui dois e **amnésia digital**, um.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos, foram identificados e mapeados os autores que pesquisam virtualização da memória na Ciência da Informação brasileira e os termos e expressões utilizados por esses autores, o que possibilitou perceber a relação entre os termos e conceitos nos contextos textuais em que são utilizados. As análises dos textos foram essenciais para a caracterização dos termos e expressões utilizados pelos autores e também para perceber as aproximações e distanciamentos conceituais, cujo entendimento pode ser influenciado pelos contextos em que são desenvolvidos. Através dos resultados também foi possível reconhecer os vínculos institucionais dos autores, o que evidencia algumas das instituições que têm se dedicado às pesquisas nessa temática.

Dentre os termos, destacam-se memória digital, patrimônio digital e memória virtual. Com predominância de ocorrências, a **memória digital** apresenta conceitos distintos, possivelmente pelo fato de ser entendida como qualquer informação em meio digital ou também qualquer coisa que circula no ambiente virtual. Empregado amplamente, observa-se que existe entre alguns autores a preocupação em se buscar um conceito mais definido. Já **patrimônio digital** apresenta aproximações entre os autores e é compreendido como bens culturais produzidos em ambiente digital ou bens digitalizados.

A **memória virtual**, com maior incidência de termos variantes, também apresenta convergência conceitual entre os autores. Abarcada como informação compartilhada no ambiente virtual, se caracteriza por ser constituída de fluxos informacionais incessantes, em permanente transformação e aberta ao processo lembrar-esquecer. Deste modo, por também estar associada às tecnologias de comunicação, a **memória virtual** existe a partir da **memória digital**.

Nestas incongruências conceituais, percebe-se que, enquanto alguns autores compreendem que o compartilhamento ou a publicação de informações em meio virtual já configura a memória virtual, outros destacam que, para haver memória virtual, é fundamental que haja interações. Caso contrário, tem-se apenas uma base de dados.

O ciberespaço é visto como um infinito repositório de memórias, transmitindo a ideia de que toda a memória é potencialmente armazenada e recuperada, a qualquer tempo. Através dos textos, percebe-se que, com as aceleradas transformações

provocadas pelas TICs, e por ser um ambiente caracterizado pela desterritorialidade e pelo contínuo movimento, a maioria dos autores relativiza a capacidade desse ambiente e discute sobre os desafios atuais de se preservar as memórias digitais e virtuais. Com isso, apresentam problemáticas oriundas da preservação digital, por compreenderem que as discussões acadêmicas ainda não abrangem de forma eficaz as complexas representações virtualizadas e constantemente ressignificadas. Entre os aspectos evidenciados, as tensões geradas pelos processos lembrar-esquecer, que se assemelham à memória biológica (humana), se afirmam em posições de contraesquecimento e se contrapõem às questões concernentes ao direito à informação e ao direito ao esquecimento.

Outro aspecto apresentado refere-se aos lugares de memória ou lugares de compartilhamento de memórias. Por meio das tecnologias comunicacionais, novos formatos de relações promovem múltiplos processos de compartilhamento da informação disponibilizada de forma digital e de construção da memória social, que se configuram em lugares ou meios de memória nos ambientes virtuais. Um tema recorrente, principalmente em textos relacionados às práticas arquivísticas, refere-se às responsabilidades e à ausência de critérios e de políticas públicas de preservação condizentes com o que denominam era digital. Emergem questões sobre a autenticidade e fidedignidade dos documentos criados nos ambientes virtuais/digitais e os digitalizados, além da garantia de guarda e armazenamento, e o acesso a longo prazo.

Observa-se que os termos e expressões originados na relação da memória com os ambientes virtuais e digitais correlacionam-se aos tradicionais fluxos que ocorrem no contexto físico: armazenamento, preservação, guarda, salvaguarda, registro, circulação, acesso, conservação, o que confirma a preocupação dos autores com o registro e a disseminação do conhecimento. A partir dessas questões observadas, infere-se que estudos assim são importantes para compreender o panorama do estado da arte das conceituações e contextualizações relacionadas à virtualização da memória e, nessa investigação, foi possível evidenciar as mais recentes contribuições da Ciência da Informação para essa discussão.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-24.

CASALEGNO, Federico. Uma abordagem ecológica da memória em rede. *In*: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação da era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 19-33.

DODEBEI, Vera. Patrimônio digital virtual: herança, documento e informação. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. **Anais ...**, São Paulo: Associação Brasileira de Antropologia, 2008, p. 1-12. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2037/vera%20dodeber.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

DODEBEI, Vera. Patrimônio e memória digital. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, 2006. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4759>>. Acesso em: 26 set. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4815>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

GONDAR, Jô. Por que memória social? **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1952.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. *In*: HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p. 18-52.

HOLANDA, Adriana de Buarque de; SILVA, Fábio Mascarenhas e. Memória e esquecimento para além dos suportes materiais de registro da informação: a cibercultura no ciberespaço. **DataGramaZero**, v. 13, n. 5, 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/25337>. Acesso em: 3 mar. 2019.

LAZZARIN, Fabiana Aparecida; NETTO, Carlos Xavier de Azevedo; SOUSA, Marckson Roberto Ferreira de. Informação, memória e ciberespaço: considerações

preliminares no campo da Ciência da Informação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v. 27, n. 1, 2015, p. 21-30. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0103-37862015000100002>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 19-58.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003, p. 17-51.

MANGAN, Patrícia Kayser Vargas. Construção de memórias digitais virtuais no ciberespaço. In: FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos; LOPES, Cicero Galeno; BERND, Zilá (Org.). **Patrimônios memoriais: identidades, práticas sociais e cibercultura**. Porto Alegre: Movimento, 2010. p. 170-184.

MONTEIRO, Silvana; CARELLI, Ana; PICKLER, Maria Elisa. Representação e memória no ciberespaço. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a11>>. Acesso em: 5 out. 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993. p. 7-28.

OLIVEIRA, Eliane Braga de. **O conceito de memória na ciência da informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação**. 2010. 194 f. il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/7466>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

ROXO, Lucas Costa. A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação. **Mouseion**, Canoas, n. 9, 2011. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/26/42>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

APÊNDICE A – CORPUS TEXTUAL SOBRE MEMÓRIA E VIRTUALIZAÇÃO

ALBUQUERQUE, J. P. S.; SANTANA, C. A.; NUNES, A. M. A. Lugares de memória em rede: o caso da página Recife de antigamente. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018.

BORBA, V. R.; SIEBRA, S. A.; GALINDO, M. L.; MACHIAVELLI, J. L.; GUSMÃO, C. M. G. Políticas de formatos de arquivos para objetos de aprendizagem: preservação digital no saber tecnologias educacionais e sociais. **Informação & Tecnologia**, v. 2, n. 1, p. 80-97, 2015.

BRITTO, A. C. L.; MOKARZEL, M. O.; CORRADI, A. O arquivo enquanto lugar de memória e sua relação com a identidade. **Ágora**, v. 27, n. 54, p. 158-182, 2017.

CAPISTRANO, T. Q. E. S.; UNGLAUB, T. R. R. Memórias e histórias do departamento de bibliotecas escolares e comunitárias de Florianópolis. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018.

CASTILHO, L. A. L.; LIMA, V. M. A. A contribuição da Ciência da Informação para a preservação de imagens digitais: uma análise da produção científica recente. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 121-125, 2017.

DAMIN, M. L.; DODEBEI, V. L.; MORIGI, V. J.; MASSONI, L. F. H. Patrimônio cultural, memória social e informação: a cidade de Porto Alegre na palma da sua mão?. **Em Questão**, v. 24, n. 2, p. 388-403, 2018.

DODEBEI, V. L. Cultura digital: novo sentido e significado de documento para a memória social?. **DataGramaZero**, v. 12, n. 2, 2011.

DODEBEI, V. L. Organização do conhecimento em shortcuts: memórias de pesquisa sob o sprit benjaminiano. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 67-83, 2017.

DODEBEI, V. L.; DOYLE, A. Memória do corpo e ciberespaço em diálogo. **Liinc em revista**, v. 11, n. 1, 2015.

FARIAS, M. G. G.; FREIRE, I. M. Memória do cotidiano: registro da comunidade Santa Clara na web. **Em Questão**, v. 17, n. 2, p. 117-131, 2011.

FARIAS, M. G. G.; FREIRE, I. M. Registro de conhecimentos da comunidade Santa Clara no ciberespaço. **Em Questão**, v. 16, n. 2, p. 253-266, 2010.

FERREIRA, R. R.; ROCHA, L. M. G. M. Museu virtual conversão digital: curadoria digital e interfaces virtuais. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, 2017.

FERREIRA, R. R.; ROCHA, L. M. G. M. Museus virtuais: entre termos, conceitos e formatos. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018.

GALINDO, M. L. O dilemma do pharmacon. **Ciência da Informação**, v. 41, n. 1, 2012.

GONÇALVES, J. L. C. S.; ASSIS, J. H. A indexação social enquanto prática de representação colaborativa da informação imagética: a construção da memória na plataforma Flickr. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 1, n. 2, p. 51, 2016.

HOLANDA, A. B.; SILVA, F. M. E. Memória e esquecimento para além dos suportes materiais de registro da informação: a cibercultura no ciberespaço. **DataGramaZero**, v. 13, n. 5, 2012.

JESUS, M. L. M.; SOLEDADE, P. A. S.; TOUTAIN, L. M. B. B. A informação como substrato da vida: memória e (contra)esquecimento. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018.

JORENTE, M. J. V.; SILVA, A. R.; PIMENTA, R. M. Cultura, memória e curadoria digital na plataforma SNIIC. **Liinc em revista**, v. 11, n. 1, 2015.

KAHN, K.; JORENTE, M. J. V. O papel do design da informação na curadoria digital do Museu da Pessoa. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, n. 2, p. 23-39, 2016.

LOPES, A. S. P.; FLORES, D. Patrimônio documental: a preservação digital em longo prazo. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 29, n. 1, p. 178-188, 2016.

MASSONI, L. F. H.; MORIGI, V. J. A cidade na palma da mão: informações e memórias no aplicativo Foursquare. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, 2017.

MELLO, J. C.; LUZ, F. C. L.; MONTIJANO, M. M. C. L.; ANDRADE, N. M. F. A museologia na web: sistema de informação sobre patrimônio cultural na era digital. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 20, n. 1, p. 171-188, 2015.

MELLO, J. C.; MONTIJANO, M. C.; ANDRADE, N. F.; LUZ, F. C. Sistemas de informação, cyber cultura e digitalização do patrimônio sergipano: a museologia na web. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 22, n. 2, 2012.

MOLINA, L. G.; SANTOS, J. C.; RAMIREZ, D. M. B. Impactos das mídias digitais e o fazer humano: em foco a memória. **Biblionline**, v. 11, n. 2, p. 19-30, 2015.

MORIGI, V. J.; MASSONI, L. F. H. Memórias em rede: as fotografias em ambientes virtuais. **Liinc em revista**, v. 11, n. 2, 2015.

MORIGI, V. J.; MASSONI, L. F. H.; DODEBEI, V. L.; DAMIN, M. L. Patrimônios culturais “lembrados e esquecidos” nas narrativas do portal da Copa de 2014. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018.

MORIGI, V. J.; MASSONI, L. F. H.; SENA, J. R. Memórias virtuais da cidade nas redes sociais: as ruas de Porto Alegre no Facebook. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 11, n. 1, 2016.

PADILHA, R. C.; CAFÉ, L.; SILVA, E. L. O papel das instituições museológicas na sociedade da informação/conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 2, p. 68-82, 2014.

RABELLO, R.; CASTRO, V. F. S. Intermediação da informação e preservação da memória digital. **Ciência da Informação**, v. 41, n. 1, 2012.

REIS, M. G.; SERRES, J. C. P.; NUNES, J. F. I. Bens culturais digitais: reflexões conceituais a partir do contexto virtual. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 21, n. 45, p. 54-69, 2016.

ROCKEMBACH, M. Evidência da informação em plataformas digitais: da reflexão teórica à construção de um modelo. **Informação Arquivística**, v. 2, n. 1, 2013.

RODRIGUES, G. M.; OLIVEIRA, E. B. Memória e esquecimento no mundo virtual: os mesmos fios tecendo uma nova trama?. **Liinc em revista**, v. 11, n. 1, 2015.

ROZESTRATEN, A. S.; LIMA, V. M. A.; MARQUES, E. A.; FERREIRA, M. S. B. Reflexões sobre o patrimônio digital a partir da experiência do projeto Arquigrafia. **Liinc em revista**, v. 11, n. 1, 2015.

SALCEDO, D.; LIMA, I. P. O papel do bibliotecário na prática de preservação da memória institucional: o caso do Espaço Memória da Justiça Federal em Pernambuco. **Ágora**, v. 28, n. 57, p. 314-331, 2018.

SANTOS, H. M.; FLORES, D. Preservação do patrimônio documental arquivístico em ambiente digital. **Palabra Clave** (Argentina), v. 7 No 1, n. 1, 2017.

SANTOS, H. M.; FLORES, D. As vulnerabilidades dos documentos digitais: obsolescência tecnológica e ausência de políticas e práticas de preservação digital. **Biblios** (Peru), n. 59, p. 45-54, 2015.

SANTOS, P. W. Q.; ALBUQUERQUE, J. P. S.; MIRANDA, M. K. F. O. Recife de antigamente: uma coleção coletiva contemporânea. **Biblionline**, v. 13, n. 3, p. 67-78, 2017.

SILVA, F. R. Preservação digital: um diagnóstico da literatura especializada brasileira. **Biblionline**, v. 11, n. 2, p. 57-72, 2015.

SILVA, I. C. O. A memória social registrada no Facebook. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 1, n. 1, 2016.

SILVA, V. L. M. Memória digital e organização de pesquisas com uso das TICs: competência informacional e midiática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 720-732, 2017.

SOARES, S. M. V.; GALINDO, M. L. O microfilme e o digital: as duas faces da preservação. **Ágora**, v. 21, n. 43, p. 7-37, 2011.

YAMANE, G. A. C.; CASTRO, F. F. O estudo e a identificação dos padrões de metadados para a representação e a recuperação da imagem digital na perspectiva da web. **Em Questão**, v. 24, n. 1, p. 145-173, 2018.